

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO OBJETO DE ESTUDO E CONHECIMENTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS

José Romildo Bezerra Mendes¹

RESUMO

Este texto parte de provocações, aproximações, referências e inquietações ao longo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, no Centro de Artes Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, na Universidade Regional do Cariri - URCA. Aborda como tema principal a Sequência didática como objeto de estudo e conhecimento no processo de autoformação. Aponta os motivos que levou o autor em querer amadurecer e investigar sobre esta temática. Partindo do pensamento de autores que embasa este estudo, a saber: Antoni Zabala (1998), Grupo de Genebra (2004) e Délia Lerner (2002), identificando suas bases teórico-metodológicas e propostas de aplicabilidade em contextos de ensino e aprendizagem em geral e no ensino de arte/artes visuais em particular.

Palavras-chave: Ensino de artes visuais, sequência didática, formação Inicial de professores, PIBID.

THE DIDACTIC SEQUENCE AS AN OBJECT OF STUDY AND KNOWLEDGE IN THE TEACHING-LEARNING AND CREATIVE PROCESS IN VISUAL ARTS

ABSTRACT

This text is based on provocations, approximations, references and concerns throughout the degree course in Visual Arts, at centro de Arts Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, from the Regional University of Cariri – URCA. Its main is the Didactic Sequence as na object of study and Knowledge in the self-education process it points out the reasons that led the author to want to mature and investigate this topic starting from the thoughts of authors that support this study, namely: Antoni Zabala (1998), Group de Genebra (2004) and Délia Lerner (2002), in which a bibliographic review is carried out bringing as theoretical referenc the thinking of, identifiyng their theoretical bases and proposals of applicability is contexts of teaching and learning in general and in teaching art/visual arts in particular.

Keywords: Teaching visual arts, following teaching, didactic sequences, initial teacher training, Pibid.

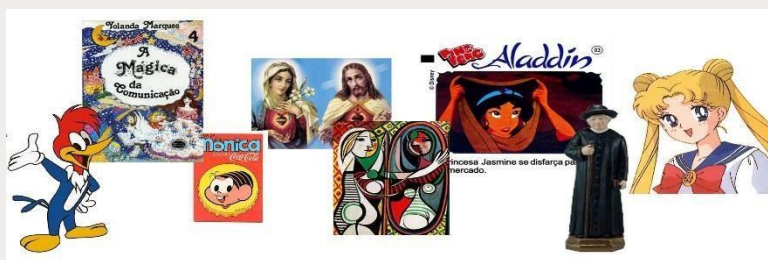
Aproximação inicial

Nesta investigação, em sua fase preliminar como proposta do trabalho, buscamos recuperar o que a gente chama de itinerário formativo. E a partir dessa análise da trajetória identificar o meu objeto de investigação. Relembro que a primeira vez que me dediquei a recuperar e escrever sobre a minha trajetória foi através da biografia visual, denominação dada para um exercício desenvolvido ao longo do primeiro semestre com a turma de 2012.2 em pesquisa e prática pedagógica em Arte I – PPPAI, disciplina presente na organização curricular do curso de licenciatura em artes visuais, a qual sempre nos instigou a construir saberes tendo como ponto de partida nossa história de vida e escolarização. E que o objetivo principal da biografia visual, era através de imagens recuperarmos a nossa trajetória na escola de educação básica, e

¹ Licenciado em Artes Visuais pela Centro de Artes Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri-URCA.

apresentar como se deu o nosso encontro com a arte, se na escola ou fora dela, e por consequência, refletir sobre o que nos influenciaram na escolha por cursar artes visuais na universidade.

Figura 1 -Fragmento da minha biografia visual, 2012



Na condição de concludente do curso, refletindo sobre o percurso dentro da licenciatura é que identifico o meu objeto de investigação, fazendo-se necessário entender quais os caminhos pretendidos, deste modo deparamo-nos com as incertezas perante essa necessidade de escolha. O contato com o tratamento metodológico para chegarmos ao melhor entendimento no campo que habito, tornou uma escolha agradável e marcante, aproximações que geraram um interesse com uma força tamanha para que a gente possa continuar nos aprofundando no assunto com entusiasmo, compreender adequadamente, aprofundar e ampliar um pouco mais os conhecimentos.

O presente texto, tendo a orientação do professor Fábio Rodrigues, que fora quem ministrou dois componentes ligados mais diretamente nesta linha de estudos pedagógicos, dentre as ofertas formativas presentes na organização curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais como: Didática do Ensino das Artes Visuais I (2015.2) e Didática do Ensino das Artes Visuais II (2016.1). E pude observar a sequência didática permeando os estudos abordados, dessa forma me permitiu compreender que a abordagem teórico-metodológica, tem orientado a prática pedagógica do professor tanto em sala de aula quanto no PIBID e no Grupo de pesquisa.

Figura 2-O tema na disciplina PPPAI.



Foto: Verônica Leite, 2012

Baseado nisso, fui me aproximando cada vez mais ao tema e, ao mesmo tempo, experienciando, pois vivia a sequência didática nas aulas, ela acontecia no meu processo de aprendizagem. Além disso, o professor, sabendo das minhas limitações e dificuldades em relação com as práticas educativas, em especial com as situações de ensino-aprendizagem que não estabeleciam relações nem continuidade, sempre que possível me provocava, apontando a necessidade de organizar ações de ensino, aprendizagem e criação em Artes Visuais com senso de propósito, de modo que existam intencionalidades e a escolha de cada atividade não podem ser desassociadas, isoladas, desvinculadas umas com as outras.

Figura 3-Práticas educativas



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2011

Havendo uma lógica no proceder, ao invés de aprofundar o estudo sobre um conteúdo, o substituí, com uma notável falta de continuidade, já que quase não havia uma interferência de uma atividade na outra, uma ligação, uma gradação, o que desconfigurava e descontextualizava o processo e toda a sistemática inicial, portanto, distante do que é conhecido e proposto como sequência didática, pois “É comum confundir a sequência didática com o que é feito no dia-a-dia. A questão é: Há continuidade? Se a resposta for não, você está usando uma coleção de atividades com cara de sequência.” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2009).

Pude analisar, que tal realidade se deve principalmente a imposição dos meus limites, muito comprometido pela falta de entendimento e as dificuldades e equívocos na implementação da proposta que fazia com que não relacionasse as experiências como significativas. Assim, estas limitações e dificuldades foram exigindo um aprofundamento e, também, um exercício de compreensão teórico-prática da sequência didática em seu sentido amplo e suas contribuições para o ensino de artes visuais.

A Sequência Didática na formação inicial do Artista Professor Pesquisador

Figura 4-Logos do Pibid Artes visuais URCA e GPEACC



No segundo semestre, antes mesmo de experiência prévia com o componente curricular de estágios, participei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto Artes Visuais, na época coordenado pelo Prof. Dr. Fábio José Rodrigues da Costa e pela Profa. Dra. Ana Cláudia Lopes de Assunção e, no mesmo período, me tornei membro do GPEACC/CNPq – Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos, na linha de pesquisa Didática do Ensino das Artes Visuais, dado que o subprojeto estava vinculado a esta linha. O grupo de pesquisa está vinculado ao Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Foi nos encontros semanais do grupo que tive minhas primeiras aproximações com a sequência didática como orientação didático-pedagógica a ser adotada pelos pibidianos. As vivências e experimentações nos encontros do grupo foram muito importantes, apontando caminhos para se chegar a resultados significativos, tornando-se fundamental para o percurso no referido programa para formação inicial de professores, que tinha como abordagem e ações obrigatórias a criação e execução de atividades que envolvam sequências didáticas.

Na agenda semanal do grupo, em sua fase inicial se constituía em um curso de preparação dos estudantes para o início das atividades do PIBID, que iria chegar dali a aproximadamente um semestre, o qual abordava uma introdução dos fundamentos da linguagem visual sob a ótica da sequência didática. Experimentos que introduzem de maneira natural alguns aspectos da sequência didática, interligando as explicações teóricas a exercícios práticos feitos em encontros.

Iniciamos com alguns exercícios. E como primeira proposta das atividades práticas com foco nas produções artísticas de autoria de dois pintores do período modernista, do espanhol chamado Joan Miró² (1893 – 1983) e do holandês chamado Piet Mondrian³ (1872 – 1944).

² Joan Miró, artista catalão, entre 1925 e 1927 o pintor inicia uma série de trabalhos mais simples e em direção à abstração, que ficaram conhecidos por Pinturas oníricas, que faz referência aos sonhos e fantasias. Como características marcantes podemos destacar: elementos únicos como manchas, círculos de cor, arabescos ou pinceladas simples, trabalha os espaços com objetos suspensos e formas fluidas. As cores fortes também são típicas do estilo de Miró.

³ Piet Mondrian, o pintor nascido em Amersfoort na Holanda, fundador do neoplasticismo, considerada a origem do abstracionismo geométrico, ficou famoso por 'De stijl', estilo que indicava a pureza de suas abstrações e pela prática metódica pela qual chegou a elas, reduziu a arte à sua mínima essência. Nas imagens criadas por Mondrian, entre 1920 e 1940, assemelham-se umas às outras: uma grade de coordenadas que formam quadros de diversos tamanhos, coberto de cores elementares. Procurando sempre manter plana a forma do espaço.

Figura 5-Obras como referências



Com essa atividade aprimoramos não apenas habilidades técnicas e exploração de materiais, mas a percepção visual e memória. Foi pedido que os participantes se organizassem em quartetos ou em trios, realizassem leituras sobre as propriedades formais das obras, e finalmente desafiados em equipe a construir uma obra original, trabalhando o conceito de composição que parte da planificação e combinação de elementos encontrados nas leituras das obras apresentadas como referências.

No campo da experimentação trabalhamos com a técnica da pintura, nos aproximando dos modos de criar dos artistas, usando o giz de cera sobre o suporte, o qual é a folha de papel Kraft (110g). Esta proposta teve uma duração de três horas, pois ocorria no horário da linha de pesquisa semanalmente. A conclusão desse encontro se deu com a montagem na parede dos trabalhos em um painel coletivo para a apreciação geral dos próprios membros.

Figura 6- Criação coletiva e mural.



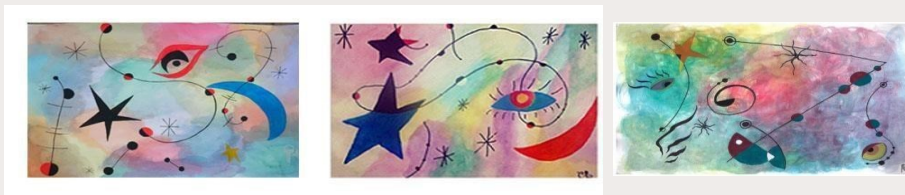
fonte:www.gpeacc.com,2014

No encontro seguinte foi retomada a temática da criação com a memória e percepção visual das análises das obras, porém se no primeiro a orientação foi de criação coletiva e com mais de um artista, agora o foco foi para o processo de criações individuais dos elementos presentes apenas nas obras de uma das referências utilizadas anteriormente: o Joan Miró. Fazendo uso de outros materiais e suas

potencialidades expressivas, como o papel *Canson* tamanho A3, têmpera de guache, aquarela, caneta hidrocor preta, etc.

Após o término de cada etapa, os pibidianos, professores de arte das escolas vinculadas ao PIBID e demais pesquisadoras e pesquisadores do grupo/linha de pesquisa, apresentavam e comentavam como chegou a determinado resultados, com os trabalhos realizados por cada um   vista. Puderam expressar suas inten es, dificuldades, facilidades, enfim socializar com os outros seus processos de cria o e aprendizados.

Figura 7-Cria es individuais.



fonte:www.gpeacc.com, 2014

Deve-se ressaltar que os aspectos teóricos centrais deste estudo foram orientados pela Abordagem Triangular do Ensino de Arte, foi assim renomeada pela professora que a sistematizou, a Doutora em Arte/educa o Ana Mae Barbosa, e amplamente divulgada no seu livro intitulado *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*, publicado em 1991 pela editora Perspectiva, que consiste na inser o de imagem da arte no ensino de arte e no processo de ensino, aprendizagem e cria o a partir do exercício de ler, contextualizar e fazer artístico(sem ordem fixa).

Outro exemplo no grupo de proposta de atividade prática, ocorreu com o estudo e investiga o das obras de arte de um pintor italiano chamado Giuseppe Arcimboldo⁴(1527-1593), que se distingue pelas suas cria es tendo como temática o g nero retrato. Como estratégia didático-pedagógica, os participantes apreciaram, leram, comentaram, questionaram e interpretaram sobre as obras que eram projetadas com uso do computador ou *tablet* e um projetor (Datashow).

Concluída essa etapa, ainda em contexto do tema retrato, foi apresentado o filme dirigido pelo cearense Joe Pimentel, intitulado *Retrato Pintado*, lançado em 1999, uma homenagem ao mestre Júlio Santos, retratista popular que há mais de 40 anos transforma fotografias em retratos pintados. Nos 12

⁴O pintor de origem germ nica Giuseppe Arcimboldo (século XVI) afastando-se de pinturas que refletia fielmente a vida, buscando construir retratos daqueles e daquelas que tinham acesso aos artistas, principalmente a monarquia, compostos de representa es de diversos elementos figurativos da natureza e objetos de uso doméstico. Composi es que tinham significados particulares do que cada qual seria ou o que gostaria como fosse retratado.

minutos de duração do curta, acompanhamos o seu ofício manual da fotopintura⁵, no registro das fases de vida de uma família e a natural manutenção desse saber de tradição que se mantém por gerações.

Em etapa seguida foi sugerido que, com uso de materiais, técnicas e suporte de nosso agrado, criássemos uma série de retratos, pensando em quem gostaríamos de retratar e que elementos usar para compor o rosto, cabelo, roupas, etc. Elementos que considerássemos importantes, que tinham significados particulares ou relevantes para quem retratávamos, influenciados a nos aproximar do modo de fazer do artista Arcimboldo, que ficou famoso por suas criações compostas de retratos alegóricos que mescla animais, objetos e vegetais.

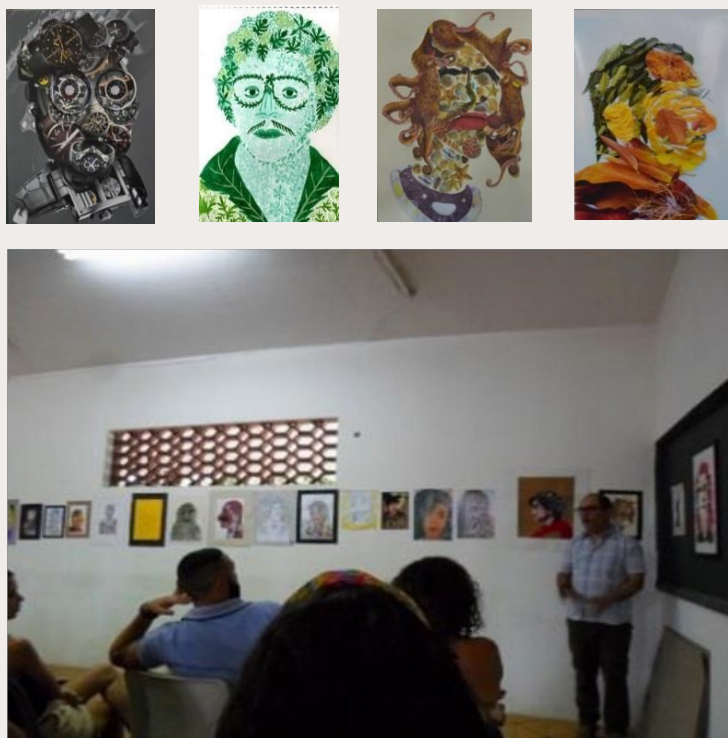
Figura 8-Vertumnus, de Giuseppe Arcimboldo, retrato de Rodolfo II do Sacro Império Romano-Germânico, 1590-91



A leitura das imagens como contexto, de como o artista pensou, elaborou e chegou aquele resultado, sua experimentação e sua localização na história pelos participantes proporcionaram maior compreensão e interpretação criativa deste artista e cada um à sua maneira encontraram variadas soluções visuais para a criação dos retratos. Resultados diversos com uso de linguagens híbridas, pintura digital, fotografias, desenho, etc. o fechamento se deu com a exposição e contextualização das imagens.

⁵ As fotopinturas eram uma tradição no Brasil quando a fotografia ainda era pouco acessível à população por depender de equipamentos caros. Com base em retratos fotográficos pequenos e em preto e branco, muitas vezes no tamanho 3x4, o fotopintor reunia as imagens dos integrantes de uma família ou de um casal em uma composição e depois a pintava acrescentando cores e detalhes.

Figura 9-Experimentos/retratos.



fonte: www.gpeacc.com, 2014

Ao longo dos encontros da linha de pesquisa, os coordenadores do PIBID seguiam trabalhando com a seqüência didática, ao mesmo tempo em que orientavam para que cada estudante-bolsista experimentasse ações educativas tendo seus saberes e habilidade nas artes visuais como conteúdo de ensino, aprendizagem e criação em artes visuais.

Outra estratégia adotada pelos coordenadores foi agrupar os pibidianos em grupos distintos entre si, tendo como critério as habilidades e linguagens das artes visuais que cada estudante se sentia mais próximo. Esta iniciativa permitiu que houvesse trocas, aprendizagens e maior envolvimento nos grupos. Assim cada grupo de trabalho ia estudando linguagens específicas e definindo os procedimentos a serem seguidos posteriormente no trabalho nas escolas, autonomia com que cada grupo encaminha seus trabalhos, autonomia essa, concedida aos bolsistas a partir do momento em que os coordenadores reconhecem as habilidades artísticas de cada um.

Eu e outros colegas formamos o grupo de trabalho “Do desenho à animação”, que se constituiu também na oficina que passamos a ministrar nas escolas.

No grupo decidimos que iniciáramos a oficina visando principalmente a iniciação a linguagem visual e a apreciação da arte. Ampliando as possibilidades de criação dos estudantes, compreendendo o desenho como forma de linguagem e entrada para outros tipos de conhecimentos de nossa área, tendo a criação de animações como meta a ser alcançada no processo de ensino aprendizagem.

Compreendíamos que a produção dos filmes animados teria um caráter mais experimental possível, de modo que os estudantes se apropriassem do próprio espaço escolar para compor cenários, de experiências do cotidiano escolar e de outras vivências que considerassem significativas na materialização de seus sentimentos, suas ideias e discuti-las a partir de seu contexto.

Uma parte da experiência e aprendizagem dos pibidianos, resultou em artigos sistematizados e apresentadas no III Encontro do PIBID e VI Colóquio de Formação docente da URCA de 8 a 11 de dezembro de 2015, Campus Pimenta-Crato.

O ponto culminante se estabeleceu na realização de uma mostra em caráter estudantes/professor, organizada dentro dos núcleos de atuação do programa. Com as orientações dadas pelos coordenadores e supervisores, pensadas e organizadas coletivamente.



Convocados, os estudantes simpatizaram de imediato com a proposta, que nas oficinas de arte pensam/criam visualidades.

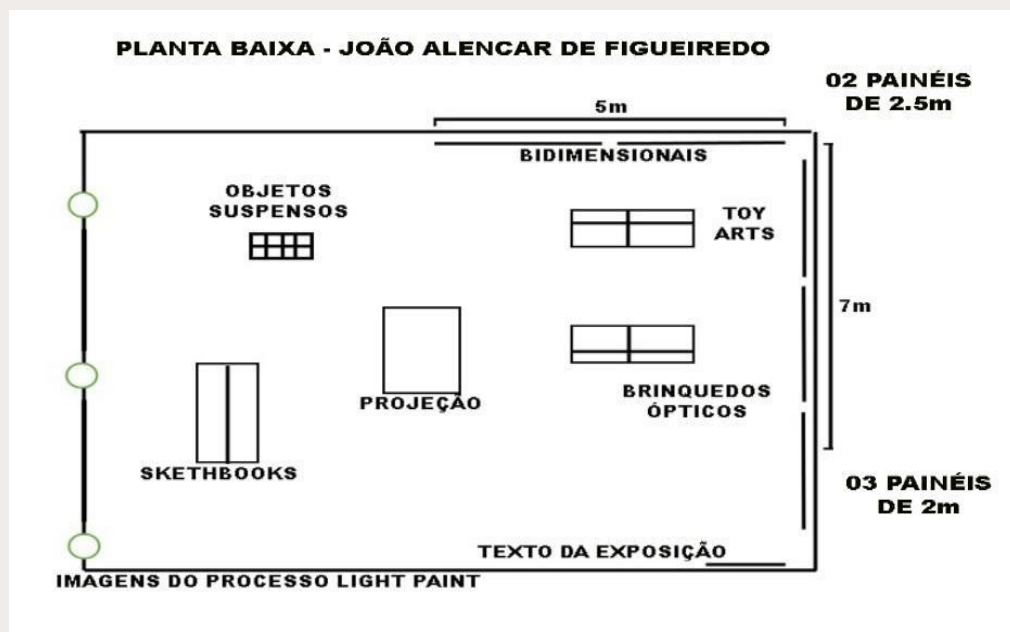
O pátio virou galeria e contou com desenhos com linhas (lãs) em 'chassi' feitos de palitos de picolé, a estrutura serviu de base para fixar e esticar a linha no desenho, que na exposição formaram uma espécie de objetos suspensos, colagens emolduradas com *paspatur* feitos de papelão paraná. Dois painéis em banner com registro de light paint (desenho com luz), Sketchbook, toy art e dentre esses, foi exposto os experimentos da oficina Do desenho a animação, como brinquedos óticos e a projeção montada com o projetor (datashow) em um lugar de passagem na escola, que exibia em loop todas as animações feitas pela classe.

Figura 11-Projeção das animações



fonte: [www.gpeacc](http://www.gpeacc.com), 2014.

Figura 12-Planta baixa, pátio/galeria



fonte: www.gpeaac.com,2014

A mostra intitulada 'Processos de experimentações IN-ACABADOS' trazia produtos resultantes considerados não finalizados, alguns apresentavam esse caráter, outros, no entanto, estavam expostos para mostrar que arte também é processo de experimentação, e principalmente de pesquisa e processos de criação artística. E mais ainda, foi nosso primeiro contato com a montagem de uma exposição, demonstrando de fato preocupação do desenho expositivo e da qualidade estética com que os trabalhos fossem apresentados. Nesse período recebemos grandes e importantes orientações dos coordenadores, desde a escolha dos trabalhos e estudo dos espaços até a concepção da exposição. A abertura da exposição contou com a presença da direção da escola, do apoio da supervisora, com um muitos visitantes, a maioria

sendo o próprio público escolar. E permaneceu durante três dias letivos. Conquistamos assim um espaço muito bonito de atuação, de pensar a atuação criativa do educador na escola.

Estive participando do PIBID por quatro anos inteiros, de 2013 a 2017. Em meados de 2016, precisou-se passar por uma troca de coordenadores de área, com a Profa. Dra. Renata Felinto Aparecida e a Profa. Dra. Vanessa Lambert de Souza, que continuaram em suas atuações seguindo com bases semelhantes.



Vale salientar, inclusive, que boa parte dos links, das fontes bibliográficas que a gente utilizou foram estudos especificamente do campo do ensino de leitura e produção textual, dada a quantidade de publicações nesta área. Essa investigação se justifica, pois acreditamos que dentro das várias possibilidades os estudos que discutem a abordagem teórico-metodológica em questão, o da didática do ensino no campo específico das artes visuais aparece em um número reduzido em relação a outros campos do conhecimento, merecendo assim ser mais explorado, então é nisso que quero contribuir aqui.

Fiz esse breve relato de experiências, nos quais a sequência didática foi o procedimento comum em todas as vivências, para contextualizar meu interesse e curiosidade em pesquisar sobre o assunto no Ensino de Artes Visuais como objeto de estudo e conhecimento, visto que esta é uma metodologia de ensino/aprendizagem motivadora, dinâmica, aberta e sendo satisfatório os resultados obtidos.

A importância do trabalho com a sequência didática pode ser notada tanto nas pesquisas de autores que tratam do tema no âmbito geral da educação e que contribuem com essa investigação como: Antoni Zabala (1998), Délia Lerner (2002) e o Grupo de Genebra (2004), quanto em documentos oficiais, que recomendam sua inserção nos currículos escolares dos diferentes níveis do ensino.

Sequência Didática – Revisão bibliográfica

O termo Sequência Didática tem sua origem no contexto de uma reforma educacional que ocorreu na França, na segunda metade do ano de 1980 e designava um conjunto de atividades aplicadas ao ensino de qualquer conteúdo. Ao longo dos anos esse modelo de ensino despertou o interesse teórico de um grupo da Universidade de Genebra que trabalhava na área de linguística, psicologia e filosofia se dedicando a sistematizar uma proposta teórico-metodológica para o ensino de determinados gêneros textuais, daí porque a expressão sequência didática ser muito conhecida no campo da linguagem escrita e verbal, porém,

foi progressivamente adotada por outros campos do conhecimento e, dentre esses, o da didática do ensino das artes visuais.

No Brasil, a sequência didática começa a ser divulgada em artigos e comunicações em congressos a partir de 1990, mas foi com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998), que passou a ser enfatizada como estratégia didático-pedagógica pelos componentes curriculares desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Para definir Sequência Didática Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) diz que sequência didática consiste em “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em termos de um gênero textual oral ou escrito” diz ainda que “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos no domínio dos gêneros e das situações de comunicação”.

Sobre entender a sequência didática como uma de outras possíveis estratégias que ajudam na organização do trabalho de sala de aula, como sugere a profa. Délia Lerner (2002) que se ponha em ação diferentes “modalidades organizativas do trabalho pedagógico” e nos fala em três delas: o plano de aula, o projeto didático a sequência didática, e a importância de saber quando se é elaborado cada uma delas para poderem coexistir e se articular ao longo do trabalho pedagógico, segundo Délia Lerner

Podemos identificar dois critérios fundamentais que distinguem uma das outras: a frequência à sala de aula e a função do trabalho implicado na modalidade. Além desses, também é possível reconhecer a potencialidade de cada modalidade organizativa para trabalhos com conteúdo específicos (DÉLIA LERNER, 2002, p. 21).

Sobre sequências didáticas, Delia Lerner (2014) ainda diz que

Sequências de situações didáticas que tem uma duração menor, que podem durar um mês e meio, uma ou duas vezes por semana, vinculadas a seguir um autor, ler diferentes obras de um mesmo autor, diferentes obras de um mesmo gênero etc. Estudar um assunto (DÉLIA LERNER, 2014).

Na busca por referências teóricas sobre a sequência didática, se destaca o pensamento do educador espanhol Antoni Zabala no livro “A Prática Educativa: como ensinar” (1998), que trata em seus estudos da prática educativa e de instrumentos que facilitem a compreensão daquilo que acontece em sala de aula e o que é possível fazer para tornar essa prática mais enriquecedora, podendo promover de forma mais eficiente a aprendizagem do estudante. No que diz respeito à contribuição que podem ser alcançadas com o uso de uma sequência didática, as ideias ou as pesquisas propostas pelo autor em questão foi de encontro de nossos interesses.

Para Zabala (1998) Sequência Didática é “Um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelo professor como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p.18).

Considerando o exposto nesta revisão da literatura científica, pode-se verificar a contribuição que tal revisão trouxe para uma maior compreensão sobre o tema que investigamos, revelando pertinência na escolha dos textos. Possibilitando a ampliação de nosso conhecimento e nos ajudando a perceber que tal temática é um campo de pesquisa com possibilidades de aprofundamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é resultado de uma pesquisa que foi ao longo do curso sendo tecida, e experienciadas no aprendizado na graduação em artes visuais, nas experiências vividas com o ensino de arte, em programas de iniciação à docência e da participação no GPEACC.

Pessoalmente, acredito que este trabalho foi satisfatório na nossa formação abrindo novas possibilidades e perspectivas para todos os envolvidos, tanto por nos colocar produtores, criando e executando sequências didáticas, planos de aulas, avaliações e outras ações pedagógicas, quanto por pesquisadores atuando sob um novo olhar.

Com a identificação do tema, iniciei uma investigação criteriosa, o levantamento bibliográfico para entender esse trabalho na literatura científica. A dinâmica da pesquisa *online* facilita o processo. A existência das redes, os links e a infinidade de textos – como referência e dúvidas – contribuiu para entender o que os autores já apresentavam como possíveis respostas para a pergunta, “O que é Sequência didática?” Encontramos principalmente em Délia Lerner (2002) o Grupo de Genebra (2004) e Zabala (1998) o estudo teórico necessário para tal compreensão.

Analisar a Sequência Didática me permitiu conhecer sua abrangência e limitações, suas estratégias para direcionar conteúdos aos estudantes, e principalmente apreensões, reflexões e experimentações como professor/artista/pesquisador. Todas estas questões que não se esgotam aqui, mas que me fazem querer estudar e entender mais sobre.

Pude através dessa investigação compreender adequadamente a abordagem teórico metodológica no campo da produção artística, que contribuiu na minha formação.

Através das etapas foi possível relacionar as experiências como significativas, o processo de ensino e aprendizagem é importante mais apenas do que em relação ao produto final, ele agrega seus vestígios onde cada passo da criação permanece na finalização do trabalho.

Esperamos que outros docentes de Arte e também de outros componentes curriculares possam dar continuidade ao trabalho, procurando aplicar a estratégia da sequência didática em diferentes conteúdos e qualquer nível, facilitando a prática pedagógica e a aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

DOLZ, J. NOVERRAZ, M.; SCHNEUWY, B. **Sequência didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de procedimento. In: SCHNEUWY, B. DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, [2001] 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: Como ensinar, ed. Artmed, 1998.

<https://dialogosassessoria.wordpress.com/2015/02/24/generosdiscursivossequenciasdidaticas/>

<https://novaescola.org.br/conteudo/1493/como-organizar-sequencias-didaticas>

<https://novaescola.org.br/conteudo/4103/modalidades-organizativas-grandesdialogos-com-delia-lerner>

<https://novaescola.org.br/conteudo/1869/o>

<https://novaescola.org.br/conteudo/1869/o-quebra-cabeca-das-modalidades-organizativasquebra-cabeca-das-modalidadesorganizativas>

<http://revistaescola.abril.com.br/delia-lerner/>